Lector fabula: o leitor na Série Diários Secretos da Gazeta do Povo[1]

Daniel Augusto Zanella[2]
Elza Aparecida de Oliveira Filha[3]
Universidade Positivo – Curitiba/PR

Resumo

Em 16 de março de 2010, a Gazeta do Povo, mais tradicional impresso paranaense, lançou a série Diários Secretos, conjunto de reportagens que desvelou o esquema de corrupção envolto aos diários oficiais da Assembleia Legislativa do Paraná. A série, resultado das investigações dos jornalistas Karlos Kohlbach, Katia Brembatti James Alberti e Gabriel Tabatcheik, tomou dois anos de trabalho dos repórteres e culminou, ao longo de mais de seis meses de denúncias, numa série de prisões e mudanças na rotina da AL. A Gazeta recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais por suas investigações. No presente texto, resultado de um Projeto de Iniciação Científica desenvolvido no segundo semestre de 2012 e primeiro de 2013, analisamos as relações entre as denúncias e a repercussão junto aos leitores, expressada na seção Carta dos Leitores durante os dois primeiros meses de publicação da série.

Palavras-chave: Gazeta do Povo; Diários Secretos; Carta dos Leitores.

INTRODUÇÃO

O jornal Gazeta do Povo e a RPCTV - veículos integrantes do Grupo Paranaense de Comunicação, GRPCOM - desenvolveram, a partir de 16 de março de 2010, uma série de reportagens de denúncia de corrupção na Assembleia Legislativa do Paraná chamada Diários Secretos. Durante cerca de seis meses, os repórteres envolvidos na investigação revelaram graves desvios de verbas, um esquema de funcionários-fantasmas e redes de poder das quais participavam deputados e administradores da Casa.

A série teve uma grande repercussão, não apenas no Estado, e deu aos autores vários prêmios jornalísticos, tais como o Prêmio Esso de Jornalismo de 2011, o mais importante do Brasil; o Prêmio Tim Lopes de Reportagem Investigativa; o prêmio mundial Global Shining Light Award e o título de melhor reportagem investigativa publicada na América Latina em 2010. Um dos principais resultados do trabalho, no entanto, foi a conscientização do leitor quanto ao processo de corrupção no Paraná e o alerta à Justiça, que se empenhou em punir os culpados, e o aumento do interesse dos leitores por um assunto que nem sempre

[1] Trabalho apresentado à Área 1, Jornalismo, do Intercom Junior, IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Estudante do 4º ano do curso de Jornalismo da Universidade Positivo. jornalrelevo@gmail.com.
[3] Professora orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos (2006), mestre em Sociologia pela UFPR (2002), professora do curso de Jornalismo da Universidade Positivo (Curitiba/PR), ex-coordenadora do GT Jornalismo Impresso da Intercom (2009 a 2012).

é visto com simpatia: a política. Com isso, a Gazeta do Povo, jornal que até então era considerado como reativo aos fatos da política, passou a ser vista como um órgão mais combativo, defendendo os interesses do cidadão paranaense, e não apenas as metas dos grupos hegemônicos da sociedade.

A Gazeta do Povo e a RPCTV – cujos profissionais realizaram de forma conjunta a investigação que resultou na publicação da série, também apresentada nos telejornais do Grupo - criaram uma completa base de dados com todas as movimentações de funcionários da Assembleia Legislativa do Paraná que aparecem nos diários oficiais da casa publicados entre 1.º de janeiro de 2006 e 31 de março de 2009. Esse banco serviu como uma das principais fontes de informações para todas as reportagens produzidas e, posteriormente, foi disponibilizado para consulta pública na internet, onde permanece até hoje.

Ao longo da série, os leitores da Gazeta se manifestaram de diversas formas, mostrando sua indignação em relação às denúncias. Podemos ler as cartas enviadas à Gazeta – principalmente por e-mail – e publicadas na coluna do leitor, como uma legítima manifestação da noção de jornal como esfera pública, conforme conceito de Jürgen Habermas (1984), detalhado abaixo. A coluna de leitores pode ser entendida como uma espécie de "caixa de ressonância" dos temas em discussão na sociedade. Para usar mais uma metáfora, é um "termômetro" da situação política de um determinado lugar.

A realização da pesquisa parte do pressuposto de que o leitor dos mass media não é passivo. Conforme autores como Barbero (2001) e Hall (2005), o leitor tem um papel muito importante na própria definição da linha editorial de veículos de informação. Nesse sentido, a comunicação não é uma via de mão única. Trata-se de uma atividade intersubjetiva, cujos níveis de influência resultam de uma permanente negociação entre emissores e receptores. E o leitor tem um papel essencial na construção do sentido e nos usos sociais da notícia.

Ao empregar, no título do trabalho, o nome de um importante ensaio de Umberto Eco a respeito desta temática, o *Lector in Fabula* (1988), o presente texto pretende deixar patente o entendimento do papel colaborativo dos leitores na interpretação do texto. E, a despeito do fato desta pesquisa não alcançar o âmbito mais amplo das discussões possíveis por estar restrita a um período de 60 dias, busca-se apontar como os leitores/eleitores avaliaram o comportamento dos políticos denunciados na série de reportagens e qual o potencial transformador que as denúncias significaram na realidade política paranaense.

1. A TEORIA DO AGENDAMENTO E O LEITOR DO JORNAL

As teorias clássicas do jornalismo destacam a capacidade que a mídia tem de manipular e formar a opinião pública (MCQUAIL, 2010). Trata-se de uma imagem que foi cultivada em boa parte do século XX. Influenciada por autores como Antonio Gramsci, Mikhail Bakhtin e pela Nova História, pesquisadores de mídia dos anos 1970 começaram a dar maior importância ao papel do indivíduo e dos grupos sociais na mediação da informação nos meios massivos.

Assim, a partir dessa época, uma nova seara se abriu na pesquisa de mídia. Os pesquisadores buscam, dessa forma, entender a linguagem no seu contexto real. Exemplo disso é a retomada da obra, nos anos 1970, por críticos franceses, de Mikhail Bakhtin, que

> [...] admite que a linguagem não pode ser reduzida a um reflexo dos interesses sociais e que portanto existe certa autonomia, mas enfatiza encontrar-se ela presa em redes de relações sociais inscritas em sistemas políticos, econômicos e ideológicos. A linguagem é o campo de tensões e interesses conflituais. As avaliações de um discurso e as respostas individuais a um enunciado estão longe de ser uniformes. Encontram-se em constante transformação, de acordo com a história e a evolução da subjetividade (MATTELART, 2001, p.147).

Este entendimento da linguagem e do discurso como imersos em processos de transformação tem paralelo com o conceito de esfera pública, referenciado acima e que, igualmente, ao longo da história, sofre transformações derivadas das conjunturas de variadas épocas. Para Habermas (1984), a esfera pública é um espaço real (ou virtual) usado pelos cidadãos para discutir temas de interesse comum, geralmente envolvendo decisões que afetam uma grande quantidade de pessoas.

De acordo com Felipe Pena (2006, p. 29), “a mídia assumiu a privilegiada condição de palco contemporâneo do debate público”. A palavra palco, acrescenta ele, não foi escolhida de maneira aleatória:

> Na contemporaneidade, as representações substituem a própria realidade. Um assunto exposto na esfera pública não é necessariamente de interesse público. Ele pode ser forjado nos esquemas de *marketing* que visam moldar o gosto do público e agendar seus debates (PENA, 2006, p. 29).

A mudança estrutural da esfera pública, identificada por Habermas pouco depois da segunda metade do século XX, é, ao mesmo tempo, causa e consequência da evolução da imprensa. Ainda segundo Pena (2006, p.31), “o homem comum não se informa mais pelos relatos da praça, mas sim pelo que os mediadores do novo espaço público trazem até ele”.

Daí a responsabilidade do jornalismo, complementa o autor, que reforça a importância do papel da imprensa na formação da opinião pública – aspecto este fartamente localizado nas cartas dos leitores da Gazeta do Povo ao comentarem a série Diários Secretos em 2010.

A teoria do agendamento, ou *agenda setting*, contribui para a compreensão da nova esfera pública representada pela mídia informativa. Esta vertente defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a achar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa e que estes temas pautam as conversas das pessoas em seus vários ambientes de convívio social.

A hipótese da existência de uma relação causal entre a agenda midiática e a agenda pública foi sugerida por Walter Lippmann na década de 1920. Mas o enunciado mais conhecido foi formulado por Cohen em 1973: "Embora a imprensa, na maioria das vezes possa não ser bem sucedida ao indicar às pessoas *como* pensar, é espantosamente eficaz ao dizer a seus leitores *sobre* o que pensar" (citado por McCombs e Shaw, 2000, p.49). É a partir disso que a mídia desempenha a função de *construção da realidade*, dando forma a uma determinada cultura e nela agindo dinamicamente.

De acordo com os teóricos desta linha, há uma *dependência cognitiva* da mídia, que é crescente na sociedade atual. O conhecimento maior da realidade se dá pela mediação dos veículos e não por vivência própria, direta dos acontecimentos. "Os atributos enfatizados pelo campo jornalístico podem influenciar directamente a direcção da opinião pública. Tanto a selecção das ocorrências e/ou das questões que constituirão a agenda, como a selecção dos enquadramentos para interpretar essas ocorrências e/ou questões são poderes importantes (...)" (TRAQUINA, 1995, p. 211).

Os aspectos de interpretação por parte dos consumidores de notícias são trabalhados por variados autores que valorizam a recepção. Dentre eles, Umberto Eco, que desenvolve sua teoria sobre o papel do leitor na obra de arte, ligando o papel de criador também desempenhado pelo consumidor à própria transformação de certos discursos. Ao discutir o papel do leitor nos textos narrativos, Eco (2000) considera a incompletude do texto. Para ele, um texto é incompleto porque pressupõe sempre a colaboração de um destinatário.

Ao tratar da leitura que se pode fazer de um texto, Eco define duas posturas: o uso e a interpretação. Por uso, ele entende a maneira livre, aberrante e até maliciosa de se ler uma obra. Já a interpretação exige sempre algum limite, uma vez que "a noção de interpretação sempre envolve uma dialética entre estratégia do autor e resposta do Leitor-Modelo" (ECO, 1988, p. 43, apud SANTOS, 2007, p.100). A configuração do autor-modelo, para Eco,

depende não somente dos traços textuais, mas também "do que está atrás do texto, atrás do destinatário e provavelmente diante do texto e do processo de cooperação (no sentido de que depende da pergunta: 'Que quero fazer com este texto?')" (idem).

A discussão levantada por Eco a respeito do leitor-modelo rompe com uma perspectiva de que o autor ou o texto estão no centro do processo de interpretação e controlam os sentidos deste, cabendo ao leitor a mera função de decodificar um significado já dado. A interpretação de uma obra se constitui num processo aberto e cooperativo entre autor-texto-leitor.

> Isto nos autoriza, enfim, a afirmar que todo texto escrito – ele mesmo um interpretante de outros signos (autor, cultura, outros textos etc.) – gera um processo infinito de outros interpretantes que têm efeitos práticos e concretos sobre os leitores e são passíveis de serem corrigidos no âmbito da comunidade de intérpretes da obra. Se é bem verdade que de alguma forma a obra prevê o seu leitor – pois há uma instância do signo (o interpretante imediato) que é virtual e projeta seu interpretante dinâmico (o leitor empírico) – também é verdade que no curso da interpretação o leitor – ele mesmo um signo – poderá atribuir sentidos evocados pela enunciação, pela cultura, pelo "espírito do tempo", pelo "horizonte de expectativas", pelas motivações pessoais, etc (SANTOS, 2007, p. 111).

Um texto se manifesta como uma cadeia de artifícios de expressões que devem ser atualizados pelo destinatário, ou seja, pelo leitor. Neste sentido, o leitor, atualizando o texto, é condição indispensável para a capacidade concreta da comunicação deste texto e da sua potencialidade criativa.

> Quando um texto está posto no frasco, isto é, quando um texto está produzido não para um único destinatário mas para uma comunidade de leitores, o autor sabe que ele/ela estará interpretando não de acordo com suas intenções, mas de acordo com uma estratégia complexa de interações. Sendo que estas interações envolvem também o leitor, junto com sua competência da língua (VILANOVA, s.d).

Estes conceitos são mobilizados para discutir exemplos de cartas de leitores, publicadas pelo jornal Gazeta do Povo na repercussão da série de denúncias Diários Secretos, que indicavam o desvio de mais de R$ 100 milhões dos cofres públicos do Estado.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Além das discussões teóricas envolvendo aspectos das teorias do jornalismo e da relação entre leitor e texto, o estudo em pauta debruça-se sobre fatores compreendidos nas pesquisas de recepção. Esta etapa do trabalho deverá levar em conta a metodologia da

análise de conteúdo, que consiste na seleção de um *corpus* determinado de texto e na definição de parâmetros estatísticos para a quantificação da informação. Assim:

> A análise do conteúdo da mídia [...] nos ajuda a entender um pouco mais sobre quem produz e quem recebe a notícia e também a estabelecer alguns parâmetros culturais implícitos e a lógica organizacional por trás das mensagens (LAGO e BENETTI, 2007, p. 124).

Desta forma, a análise aspectos quantitativos e qualitativos, busca estabelecer um ponto entre o espaço dado a determinados temas e a real importância que ele tem dentro do jornal. A coleta do *corpus* desta pesquisa foi realizada a partir da leitura das edições do jornal Gazeta do Povo disponíveis na Biblioteca Pública do Paraná para consulta. Foram considerados 61 dias de edições do periódico, a partir da data de início da publicação da série, em 16 de março de 2010, até 16 de maio do mesmo ano.

Como procedimento metodológico complementar, foram coletados cerca de duas dezenas de cartas cujos conteúdos podem ser considerados exemplos emblemáticos dos discursos construídos pelos leitores do jornal a partir da publicação da série Diários Secretos.

3. RESULTADOS OBTIDOS

Para realizar a série Diários Secretos, a equipe de reportagem teve acesso a mais de 700 diários editados entre 1998 e 2009 e cruzou conteúdo durante dois anos. Sem numeração ou ordem cronológica – e indisponíveis na biblioteca da Casa –, os documentos não permitiam a fiscalização adequada do Legislativo e encobriam uma série de informações, a ponto de não ser possível definir o número de funcionários na AL.

A ausência de numeração, *modus operandi* usual na Assembleia paranaense, fazia com que os diários tivessem pouco efeito prático no sentido de não constituírem dispositivo confiável de arquivo ou controle, mas eram suficientes para validar contratações milionárias e estabelecer uma ampla rede de funcionários-fantasmas.

Entre 16 de março e 16 de maio de 2010, a Gazeta do Povo teve 61 edições diárias. Deste montante, 31 manchetes de capa foram destinadas ao escândalo dos Diários Secretos, um pouco mais de 50%. Em apenas duas edições, o periódico não publicou nada a respeito de sua série (nos dias 12 de abril e 26 de abril), sendo que, em ambos os casos, o dia seguinte representou nova carga de denúncias.

Para Katia Brembatti, uma das repórteres responsáveis pela investigação, as denúncias tiveram uma elaboração periódica e gráfica por se tratar de um material realizado em conjunto com a RPC, respeitando a especificidade de cada veículo. Mas o desenrolar dos acontecimentos acabou, de certa forma, pautando-se. "Nós planejamos o que era possível, mas nunca imaginaríamos que logo na primeira semana Abib Miguel renunciaria ao cargo. Tivemos que refazer capas e prestigiar o factual", afirmou a jornalista.

Ao longo destes dois meses, a Gazeta, segundo seu serviço dominical de prestação de contas do número de cartas e e-mails encaminhados à redação, recebeu 7616 cartas, sendo que 438 foram referentes aos Diários Secretos. Dessas, 146 foram publicadas no Painel dos Leitores, 33% de todas as cartas veiculadas no período. A semana de 11 de abril a 18 de abril foi a que mais recebeu cartas referentes aos Diários Secretos: 127. A semana foi marcada pela onda de protestos, demissão de quase dois mil funcionários e forte pressão para a renúncia de Nelson Justus, presidente da Casa.

A primeira manchete da série destaca: "Assembleia encobre metade de seus atos em diários suspeitos" e detalha a pesquisa e o propósito das denúncias: apontar os mecanismos dos desvios éticos e incongruências no cotidiano da Assembleia Legislativa do Paraná. Por nove dias o tema é o título principal da capa do periódico, com mais quatro páginas internas no primeiro caderno.

Em 17 de março de 2010 a manchete informa: "Dinheiro público mantém rede privada de diretor-geral da AL" e começa a minar Abib Miguel, considerado o eixo de todas as denúncias e o homem mais poderoso da AL. A primeira onda de manifestações dos leitores aparece imediatamente, num misto de indignação e apoio ao periódico. Nesta edição encontram-se na seção de cartas alguns exemplos:

> Diários secretos
>
> Se já não bastassem os mensalões do DEM, PSDB e PT, se já não bastassem as corrupções geradas por atos de José Dirceu, Arruda e tantos outros, agora temos os diários secretos da Assembleia (Gazeta, 16/3). Como disse um representante da OAB no PRTV, o "Legislativo deve dar o exemplo". Como pode um deputado dizer que empregou certa pessoa que nem escrever sabe? Pelo que sei, movimentar conta de outra pessoa sem a autorização desta é crime. Que o diga a Polícia Federal. E o que é pior é que isso pode passar em branco, sem nenhum resultado.
> *Ravizio Alves da Silva Filho*
>
> Diários secretos 2

> Parabenizo o jornal Gazeta do Povo, em especial a direção e os jornalistas envolvidos, na série de reportagens especiais "Diários Secretos", que considero um marco histórico na atuação da imprensa paranaense.
> *Marcus Maranhão Bezerra*

> Diários secretos 3
>
> Está nítida a intenção de esconder os atos vergonhosos quando arquivam em caixas de papelão os diários oficiais, pois os oficiosos vão direto para as mãos dos interessados em "legalizar" as irregularidades cometidas. Estão subestimando nossa inteligência. O jogo do empurra-empurra já começou e a batata quente está sendo jogada de mão em mão. Gostaria de relacionar os nomes dos deputados citados nesta brilhante reportagem mas iria tomar muito espaço. Fazem tudo isso na maior cara dura sem se importar com nada, pois têm a certeza da impunidade. Quando a lei brasileira vai ser posta em prática contra essas pessoas?
> *Gilberto de Melo Nunes*

Representativo neste conjunto de cartas - além do elogio explícito aos jornalistas, ao próprio jornal e à liberdade de imprensa - é a descrença na possibilidade de punição dos culpados.

Em 18 de março de 2010, o título principal da capa do jornal diz: "Supersalários custam R$ 59 milhões à AL". A reportagem levanta o custo aos cofres públicos dos desvios. Nesta mesma edição, os leitores voltam a se manifestar:

> Diários secretos
>
> Uma vergonha essa história de diários avulsos da Assembleia Legislativa do Paraná. Não fosse a reportagem da Gazeta do Povo, ficaríamos sem conhecer essa sujeira dentro daquela Casa. Entretanto, veio em boa hora, para tomarmos consciência na hora de votarmos nas próximas eleições e deixarmos de fora esses políticos desprovidos de honestidade, honradez e moral.
> *Reinaldo Pereira, aposentado*

> Diários secretos 2
>
> Que vergonha a Assembleia Legislativa do Paraná. Irresponsabilidade total, incompetência e mentiras deslavadas e absurdas. Datas criadas, datas retroativas e nenhum controle. Como cidadão de bem, como posso agir (além do voto) para expulsar o mal e a vergonha que esses deputados e seus pares causam ao nosso estado? Parabéns à TV Paranaense e à Gazeta pela matéria, e peço que continuemos, povo e imprensa, juntos nessa luta.
> *Fernando Iurk*

O tom das cartas, já neste segundo dia de repercussões, demonstra uma elevação da indignação coletiva. Embora o elogio ainda esteja presente em pelo menos uma delas, percebe-se o uso de palavras contundentes como 'vergonha', 'cinismo', 'irresponsabilidade' para identificar a atitude dos parlamentares.

Em 19 de março de 2010 a manchete anuncia: "Diretor-geral da AL pede afastamento" retratando a primeira baixa no alto escalão da AL: Abib Miguel se licencia do cargo e a pressão pública começa a se tornar ampla. Na edição seguinte, de 20 de março, o título, "Número de funcionários na Al extrapola em até 9 vezes o regulamento", detalha a desorganização e o pouco espírito cívico dos parlamentares.

A edição de domingo, de 21 de março de 2010, apresenta o primeiro balanço das denúncias: das 1072 cartas recebidas durante a semana anterior, 84 são referentes aos Diários Secretos, que é o assunto mais comentado do impresso. Dois aspectos resumem o tom geral das manifestações de leitores: elogios à Gazeta do Povo e indignação com o poder público. As cartas contemplam ainda o entendimento do espírito cívico do jornalismo e a incredulidade com o cenário político local. "Dois mil atos secretos na Assembleia", a manchete da edição, aponta o número surreal de atos obscuros realizados pela AL.

O leitor Marcelo Murara exemplifica os textos publicados na página do leitor:

> Diários secretos 3
>
> Exemplo do melhor Jornalismo! A série de reportagens dos jornalistas Karlos, James, Gabriel e Katia nos brinda e renova a esperança dos cidadãos de bem desta nação. Parabéns à Gazeta do Povo, verdadeiramente o grande jornal do Paraná, pela audácia e coragem na publicação dessas reportagens. Infelizmente, há muito, nós, brasileiros de bem, temos o direito de nivelar por baixo nossos Poderes (Legislativo, Executivo e Judiciário). Gostaria muito de ver um único deputado estadual que não estivesse envolvido nesse verdadeiro escândalo.
> *Marcelo Oliva Murara*

A 22 de março de 2010, a capa tem como título principal: "Em três anos, Assembleia efetuou 1846 contratados" e no dia seguinte, 23 de março: "AL manterá diários às escuras por mais 60 dias". O texto demonstra já uma certa impaciência do periódico com a letargia do poder público e a ausência de explicações satisfatórias. A coluna 'Sem Respostas' começa a bater na falta de transparência e coerência dos deputados. Esta coluna foi uma estratégia de edição definida pela equipe da Gazeta do Povo para, ao mesmo tempo, rememorar as informações principais já publicadas em edições anteriores facilitando a

compreensão dos leitores, e ampliar o questionamento aos parlamentares evidenciando a falta de respostas.

Em 24 de março, o jornal informa em manchete que "Abib silencia ao depor no Ministério Público" e no dia posterior: "PF vai investigar a suspeita de crime fiscal". Os leitores acompanham o espírito questionador do periódico, como demonstra a carta abaixo, que reitera os cumprimentos ao jornal e defende o afastamento dos parlamentares diretamente envolvidos com os desmandos:

> Diários secretos 2
>
> Não adianta retirar Abib e Nassiff da diretoria administrativa da Assembleia. Os grandes responsáveis são o presidente da Casa, Nelson Justus, e o primeiro-secretário, Alexandre Curi; que efetuavam as nomeações dos funcionários. Só vamos ter uma investigação transparente pelo MP caso os dois sejam afastados dos seus cargos. Parabéns à Gazeta do Povo por prestar mais um serviço a todos nós paranaenses.
> *Ismael Velozzo, aposentado*

Entre 26 e 31 de março, a Gazeta do Povo retira as denúncias das manchetes principais, mas segue pressionando o Legislativo. "Era preciso dar uma respiração ao leitor nas manchetes, não extrapolar o assunto. Bater na mesma tecla dia após dia poderia dar um resultado contrário aos nossos propósitos", afirmou Katia Brembatti. O balanço de domingo, 29 de março, aponta ainda os Diários Secretos como assunto mais comentado da semana: das 784 cartas direcionadas à redação, 56 tinham o escândalo da AL como mote.

A nova carga de denúncias recomeça em 1º de abril de 2010. "Assembleia mantém lista de servidores em segredo", diz a manchete de primeira página e a reportagem reforça o questionamento da máquina institucional que se nega a rever suas estruturas. Em 2 de abril o título ostenta: "Banco vê fraude em conta da Assembleia".

A edição dominical, de 4 de abril, tem como capa "Tribunal aprovou contas suspeitas da Assembleia". Foram 842 cartas, mas os Diários Secretos não constam nem entre os três temas mais comentados da semana, reflexo do espírito tático da redação. Ainda assim, das 61 edições analisadas, apenas em três não houve publicação de manifestação de leitor acerca dos escândalos. Neste domingo, a seção dos leitores publica uma série de interrogações no estilo da coluna 'Sem Respostas':

> Diários secretos
>
> Sobre a manchete "Banco vê fraude em conta da Assembleia" (Gazeta, 2/4), não seria o caso de se inverter o papel do banco? Ao invés de vítima, ele não deveria ser analisado como réu? Vão

> também dizer que não tem responsabilidade sobre esta e provavelmente outras contas abertas neste estabelecimento bancário? E os gestores da Assembleia, presidente, primeiro-secretário, vão continuar de vítimas? É que os desfalques não saíam dos bolsos deles. Em qualquer empresa séria as cabeças dos presidentes rolariam, mesmo que os estragos tivessem sido feitos por executivos. Afinal eles não têm responsabilidade sobre seus contratados?
> *Paulo Arnhold*

Na semana seguinte quase todas as manchetes continuam tratando do caso: no dia 5 de abril, "Curitibanos acreditam em pizza na Assembleia"; 6 de abril, "Operação da PF e diários expõem rede política de Justus"; 7 de abril, "Nelson Justus é sócio de filha de Abib em rádio" e 10 de abril, "Ministério Público vai investigar Nelson Justus".

Em 11 de abril, a edição de domingo apresenta novo balanço de cartas da semana e os Diários Secretos voltam a ser o assunto mais comentado do periódico, com 32 cartas das 762 encaminhadas à Redação, numa evidência de que o jornal consegue agendar e mediar a discussão pública, ao mesmo em que também recebe sugestão de pauta, como o leitor Iurk que pede, conforme se vê abaixo, que o jornal demonstre à população que o recadastramento definido pela Mesa diretora da Casa para identificar os funcionários-fantasmas é inócuo. A pressão pela saída de Nelson Justus só faz aumentar.

> Diários secretos 1
>
> Essa cortina de que Nelson Justus faz uso para esconder seus atos, e os da Casa, demostra claramente que estão tentando tirar o foco do verdadeiro problema. Respostas vazias e ações que não trazem solução alguma. Esse recadastramento é ridículo. Peço a Gazeta do Povo e à RPC TV que demonstrem isso para a população.
> *Fernando Iurk*
>
> Diários secretos 2
>
> Como cidadão paranaense estou perplexo com o que está acontecendo na Assembleia Legislativa do Paraná. Não tem mais o que provar, está claro para qualquer leigo que foi montada uma grande cadeia de distribuição de dinheiro público dentro do Poder Legislativo do Paraná. Não sei como o Justus ainda teima em ficar no cargo depois de tanta lama que foi mostrada! A nós, cidadãos de bem, não basta ficar de braços cruzados frente a tudo isso, como paranaense vou me unir à sociedade civil organizada, porque para min é um dos maiores escândalos já vistos na história do Paraná.
> *João Schnirman*

Em 13 de abril de 2010, o título principal anuncia: "AL reconhece erro e 'demite' 1,9 mil". E em 15 de abril expõe: "Sem respostas, Justus vê injustiça contra AL". No domingo, 18 de abril, a edição aponta um crescimento impressionante das cartas tendo

como tema os Diários Secretos, 127 das 885 recebidas na semana. A repercussão pode ser colocada na conta do início da "faxina" interna da AL, com demissão em massa de funcionários e um editorial da edição de 16 de abril sobre o mês completo sem explicações convincentes.

Mas uma manifestação quase curiosa, por destoar do tom geral presente até então, marcou a edição de 15 de abril.

> Diários secretos 3
>
> Age corretamente o procurador Olympio Sotto Maior, ao ter a prudência de não pedir o afastamento de Nelson Justus da presidência da Assembleia Legislativa. Não há necessidade nem justificativa legal para afastá-lo. Ele não está obstruindo a investigação, mas colaborando com ela, nem há provas de que seja o autor das irregularidades encontradas na Casa. Como presidente da Assembleia, a exemplo do governador e do presidente da República, ele apenas assina os atos elaborados pelos seus assessores de confiança, geralmente sem ler ou analisá-los detalhadamente.
> *Joel Coimbra, Maringá – PR*

Em 20 de abril a manchete diz: "AL demite 22 envolvidos em irregularidades". A semana inteira é marcada pela cobrança dos leitores por soluções práticas acerca dos escândalos e pelo reconhecimento do papel do jornalismo na mobilização da opinião pública.

> Diários secretos
>
> A quantas anda a investigação do escândalo ocorrido na AL e denunciado nesta Gazeta do Povo? O posicionamento do corregedor da Assembleia Legislativa do PR no sentido de que o órgão somente "se posiciona" acerca dos discursos acalorados pedindo o afastamento do presidente da Casa se provocado oficialmente por um membro do Legislativo depõe em detrimento dos parlamentares.
> *Flávio Vilmar da Silva*

Na edição de domingo, 24 de abril, o título da capa é: "MP pede bloqueio de bens de 3 ex-diretores da AL". Diários Secretos segue sendo o assunto mais comentado da semana, com 42 cartas das 864. No dia seguinte a manchete é: "Polícia prende 3 ex-diretores da AL". Além de ser o principal fato da cobertura até então, a Gazeta do Povo lançou nesta data a sua campanha institucional Voto Consciente, com o intuito de despertar a cidadania e promover o debate público a respeito da importância do voto. A campanha, em muitos momentos, confundiu-se com as denúncias no sentido de alertar o leitor para a corrupção e maior fiscalização do poder público.

Nos dias seguintes nova série de manchetes sobre o tema: 26 de abril, "Suspeitos receberam R$ 150 para serem laranjas da Assembleia"; 27 de abril, "Diretores são culpados de irregularidades, diz AL"; 28 de abril, "Comando da Assembleia será investigado pelo MP". Fato salutar: neste dia, a seção Carta dos Leitores teve três manifestações favoráveis aos Diários Secretos e três exaltando a campanha Voto Consciente.

Em 1º de maio, os Diários Secretos aparecem como o terceiro assunto mais comentando da semana, com 30 cartas das 971, atrás de temas como Gramática no Vestibular (57) e Parque e praças (56).

No dia 4 de maio de 2010 a manchete informa: "MP vê crime repetido 1.182 vezes e denuncia diretores" e em 9 de maio: "Polícia faz devassa na AL em nova onda de prisões". Das 644 cartas recebidas pela redação, menor índice dos nove balanços dominicais analisados, Diários Secretos aparece apenas em terceiro, com 14 cartas.

Em 10 de maio o título da primeira página é: "Deputados empregam agentes políticos na Mesa Executiva". No dia posterior, 11 de maio: "Em plena crise, Al aumenta verba parlamentar em 60%"; em 12 de maio: "Retaliação da Al inclui ação para esvaziar MP" e em 13 de maio: "AL paga R$ 1,1 milhão por férias de 2 anos". No dia 14 de maio, a cobrança pela saída de Justus recrudesce na seção de cartas, que ainda traz uma manifestação favorável à campanha Voto Consciente:

> Diários secretos 1
>
> Se o deputado Nelson Justus é um homem correto e honrado, deve afastar-se da presidência da Assembleia Legislativa. Está provado que houve desmandos administrativos e desvio de recursos públicos naquela Casa sob sua presidência. Se ele desconhecia os fatos, errou. Se não desconhecia, é cúmplice. De qualquer forma, sua insistência em permanecer no cargo é uma afronta ao povo paranaense.
> *Isabel Kohl, arquiteta*
>
> Voto consciente
>
> Cumprimento a Gazeta do Povo e a RPC TV pelo desenvolvimento da campanha Voto Consciente. Trata-se de uma iniciativa que promove a cidadania plena dos paranaenses e o aprimoramento da prática da democracia, de modo a conscientizar a população quanto à sua fundamental importância para a eleição de políticos efetivamente comprometidos com a ética, a transparência e o civismo. Tal campanha também serve de alento para empresários que investem na produtividade gerando empregos e divisas, pois como fruto do voto consciente poderemos vir a sonhar com a adequada aplicação de impostos e tributos em áreas prioritárias como saúde, segurança, saneamento básico e na qualificação da mão de obra.

Deluz Masselli, presidente do Grupo Masselli Empreendimentos

Na edição de domingo, 16 de maio de 2010, cuja manchete capa é "Geração de Mutilados" e a matéria dos Diários Secretos aborda a crescente pressão popular em busca de moralização da AL, o tom de alguns leitores oscila entre a cobrança e o pessimismo.

> Voto Consciente
>
> Como leitor assíduo da Gazeta do Povo, eu sugiro aos leitores que, com esta onda de coleções, figurinhas, fotos etc., façam uma coleção das várias reportagens e tabelas e infográficos publicados pelo jornal, e as releiam um ou dois dias antes das eleições que se aproximam, para refletir e cumprir o seu direito com maior precisão e eficácia. Não eleja político antigo de novo.
> *Luiz Alberto Iubel, técnico em telecomunicações*
>
> Diários secretos 1
>
> Os deputados "estão pouco se lixando" para a opinião pública, que é em número insuficiente para defenestrar essa quadrilha instalada na Assembleia, através do único meio de que dispomos para essa medida, ou seja, o voto. Se houvesse um mínimo de decência desses espertalhões, se afastariam dos cargos ocupados, se licenciariam de seus mandatos até que fossem apuradas todas as ocorrências e então, se provado que os crimes não foram de suas responsabilidades, voltariam aos cargos com galhardia.
> *Carlos Alberto Schnekenberg*

No último balanço analisado por este pesquisa, os Diários Secretos permaneciam como o assunto mais comentado da semana, com 52 das 792 cartas recebidas pela Gazeta do Povo. A série continuou como um dos temas principais das edições ao longo ainda de várias semanas. Depois de seis meses de diversas denúncias,; mais de 30 pessoas chegaram a ser presas; novas regras para o controle de frequência e para a contratação de funcionários foram estabelecidas. Por ordem judicial, os diários oficiais passaram a ser publicados na internet.

4. CONCLUSÃO

Num universo de 7616 cartas recebidas em dois meses, 438 terem como referência os Diários Secretos apontam, em um primeiro momento, para um resultado restrito de repercussão. Entretanto, um dos motes da série neste período foi conseguir pautar a discussão pública de modo permanente e intenso. O escândalo da AL tornou-se o assunto mais comentado do Paraná, demonstrando a capacidade de agendamento público que o jornalismo possui. Praticamente todas as cartas analisadas assimilam o projeto editorial do

veículo e partilham de suas posições de cobrança de mudanças, questionamentos dos absurdos, irregularidades e desmandos da Assembleia.

Os leitores, em alguns casos, anteciparam o desgaste que os personagens públicos sofreriam e que acabaria por levá-los à renúncia ou prisão, mas também afirmaram um certo ceticismo em relação à impunidade sempre presente no Brasil. Tomando por base a acepção de Umberto Eco e outros autores, no sentido de entender o leitor como ativo partícipe da construção do texto, as cartas publicadas pela Gazeta do Povo no período analisado demonstram que não apenas o jornal agendou as conversas coletivas e foi agendado pelas repercussões do que publicava – inclusive refluindo o noticiário em alguns períodos para evitar um excessivo cansaço dos leitores em relação ao tema – mas que igualmente levou à ação uma parcela significativa da sociedade.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail**. Le marxisme et La philosophie du langage**: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique. Paris: Minuit, 1977.

BARBERO, Jesus Martin. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

ECO, Umberto. **A obra aberta**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural na esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

LAGO, Cláudia e BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

MATTELART, Armand e Michèlle. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2001.

McCOMBS, M. e SHAW, D. **A função do agendamento dos media**. In: TRAQUINA, N.(org.) O poder do jornalismo. Coimbra: Minerva, 2000, p.47-61.

MQUAIL, Denis. **Mass communication Theory**. London: Sage, 2010.

PENA, Felipe. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2006

SANTOS, Gerson Tenório. **O leitor-modelo de Umberto Eco e o debate sobre os limites da interpretação**. In Kalíope, São Paulo, ano 3, n. 2, p.94-111, jul./dez., 2007.

TRAQUINA, Nelson. **O paradigma do "agenda-setting".** Redescoberta do poder do jornalismo. In: Revista de Comunicação e Linguagem. Lisboa: Cosmos, 1995.

VILANOVA Renata. **Lector in Fabula** disponível em http://wwwusers.rdc.puc-rio.br/imago/site/recepcao/textos/renata-eco.pdf. Acesso em 18 de junho de 2013

WOLF, M. **Teorias da comunicação de Massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.